

César Oswaldo Ibarra
Celina A. Lértora Mendoza
Editores

XVIII Congreso Latinoamericano de Filosofía Medieval

*Respondiendo a los Retos del Siglo XXI
desde la Filosofía Medieval*

ACTAS



**Ediciones RLFM
Buenos Aires**

**CÉSAR OSWALDO IBARRA
CELINA A. LÉRTORA MENDOZA
(Coordinadores)**

XVIII Congreso Latinoamericano de Filosofía Medieval
*Respondiendo a los retos del Siglo XXI
desde la Filosofía Medieval*

Actas

Respondiendo a los retos del siglo XXI desde la Filosofía Medieval :
XVIII Congreso Latinoamericano de Filosofía Medieval : Actas /
César Oswaldo Ibarra ... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de
Buenos Aires : Celina Ana Lértora , 2021.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-987-88-0973-1

1. Filosofía Medieval. I. Ibarra, César Oswaldo.
CDD 180.9

**Todos los trabajos han sido sometidos
a evaluación interna y externa**

Imagen de tapa: Enrique de Alemania con sus discípulos - Laurentius de Voltolina (h. 1300) *Liber ethicorum des Henricus de Alemannia*

<https://www.flickr.com/photos/levanrami/21114437820/in/photolist-bSXSHR-Ai7Y3S-yaP1Ko>

© 2021 Ediciones RLFM
Red Latinoamericana de Filosofía Medieval
Buenos Aires
E-mail: red.lafm@yahoo.com.ar

Queda hecho el depósito que marca la ley 11.723

**CÉSAR OSWALDO IBARRA
CELINA A. LÉRTORA MENDOZA
(Coordinadores)**

**XVIII Congreso Latinoamericano
de Filosofía Medieval**

*Respondiendo a los retos del Siglo XXI
desde la Filosofía Medieval*

Actas

**Buenos Aires
Editorial RLFM**



A Estética musical medieval: Música, Arte e Poesia
Organización: Ricardo da Costa

Fundamentación

La estética en la Edad Media estuvo dispersa en muchos ámbitos hoy separados: escultura, pintura, arquitectura, poesía... Música. Historia y Antropología, Filosofía y Literatura, Artes y Música. Reunirlos bajo una misma perspectiva analítica es un imperativo para los investigadores medievalistas que deseen construir un mosaico narrativo coherente. Para eso, es necesario trabajar en equipo, cambiar informaciones, confrontar prejuicios. La propuesta de ese *Simposio* es discutir la estética musical trovadoresca y el arte medieval de la Corona Catalano-aragonesa – por su importancia política y cultural, como reino aglutinador de las tendencias estético-expresivas del Mediterráneo – con la mirada alegórica y comprehensiva de tres de los protagonistas de entonces: el trovador Berenguer de Palou (c. 1160-1209), el filósofo Ramon Llull (1232-1316) y el artista Bernat Martorell (1390-1452).

Propuestas, autores y trabajos

Ricardo da Costa (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES) y **Matheus Corassa** (Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP) presentan la ponencia “*A Alegoria. Do Mundo Clássico ao Barroco*”.

Matheus Corassa (Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP) presenta la ponencia “*Uma nova luz do Gótico: a estética do corpo na arte de Bernat Martorell (1390-1452)*”

Antonio Celso Ribeiro (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES) presenta la ponencia “*Beleza e Feiura como Aspectos Estéticos na Música Medieval: a Ordem na Desordem*”,

Vicent Martínez (ISIC-IVITRA, Universitat d'Alacant; IEC; RABL) presenta la ponencia “*Descriptio puellae y amor ‘añejo’: de la estética de la belleza joven (trovadores) a la ética del amor maduro en la Literatura Catalana Medieval*”.

RLF M - XVIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA MEDIEVAL

André Gaby (Universidade Federal do Pará, UFP) presenta la ponencia “Escrita musical, sistema modal e estética trovadoresca na cançó *Ab la fresca clardat* de Berenguer de Palou (c.1160-1209)”.

Ernesto Hartmann (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES) presenta la ponencia “A estética dos modelos escalares presentes em *cançons* de Berenguer de Palou (c.1160-1209)”.

Antonio Cortijo-Ocaña (University of California Santa Barbara, UCSB) presenta la ponencia “David y san Pablo: La construcción de Llull como poeta y caballero”.

A Alegoria. Do Mundo Clássico ao Barroco

Matheus Corassa da Silva

Univ. Fed. de São Paulo (Unifesp) - Brasil

Ricardo da Costa

Univ. Fed. do Espírito Santo (UFES) - Brasil

I. No Mundo Antigo

A utilização da *alegoria* (*ἀλληγορία*) como um recurso estético, literário e filosófico para explicar significados complexos, personificar e ressignificar abstrações e ter a função de *reflexo de uma verdade transcendente* é tão antiga quanto a própria História. Como sempre, no Ocidente, a Grécia é uma de suas matrizes – a outra, anterior, oriental, é a do *Pentateuco*¹.

Ferécides de Siro (séc. VI a. C.) e Teággenes de Régio (fl. 529-522 a. C.) parecem ter sido os primeiros a propor *interpretações simbólicas* para explicar a tradição homérica (e sua mitologia). Séculos mais tarde, Porfirio de Tiro (c. 234-305), filósofo neoplatônico discípulo de Plotino (c. 204-270), chegou a afirmar que Teággenes interpretou a *batalha dos deuses* de Homero² como um *conjunto de alegorias físicas e morais* (*ἀλληγορίαι*), e que foi o *primeiro* (*πρῶτος*) a abordar o poeta dessa maneira³.

Platão (c. 428-348 a. C.) imortalizou essa forma de raciocínio em sua *Alegoria da Caverna*⁴ – e, com sua afirmação que a Filosofia é uma *meditação sobre a morte*⁵ (além do próprio *Mito de Er*⁶), inseriu o tema do Além nas considerações

¹ D. Estêvão Bettencourt, OSB, *Para entender o Antigo Testamento*, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1956, especialmente as páginas 89, 242 e 249-250 (sobre as alegorias).

² Homero, *Iliada* (trad. Carlos Alberto Nunes), Rio de Janeiro, Ediouro, 1969 (20, 23-75).

³ Ver Mikolaj Domaradzki, “The Beginnings of Greek Allegoresis”, *Classical World*, 110, n. 3, 2017, p. 304.

⁴ Platão. *A República* (trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996 (Livro VII, 514a-520a).

⁵ Platão. *Diálogos (Protágoras - Górgias - Fedão)* (tradução do grego de Carlos Alberto Nunes). Belém: Editora da UFPA, 2002, p. 258.

⁶ *A República*, Livro X, 614a-621b.

alegóricas. E Aristóteles (384-322 a. C.)? Sua noção pré-antropomórfica da divindade, transmitida em forma de mito (e que relacionava as forças naturais a deuses), constitui o gérmen de seu pensamento que culminou em sua filosofia teológica⁷.

Já no mundo romano, Tito Lívio (59 a. C.-17 d. C.) introduziu a *alegoria* em sua narrativa histórica⁸, e os filósofos estoicos quiseram adequar os deuses da religião tradicional a seu sistema filosófico⁹. Interpretaram alegoricamente Homero, Hesíodo (c. 750-650 a. C.) e até o *Mito de Orfeu* (*Ορφεύς*)¹⁰.

II. Baixo Império (284-476), decisivos séculos alegóricos

Os séculos da História de Roma que os historiadores denominaram como Baixo Império (284-476) –ou Antiguidade Tardia¹¹– foram decisivos para as heranças culturais alegóricas legadas à Idade Média e à Modernidade¹². Não só pelo fato de o

⁷ *Metafísica*, 1074b1-14. Ver Gerard Nadaff, “La alegoría. Orígenes y desarrollo de la filosofía desde los presocráticos hasta la Ilustración”, *Areté. Revista de Filosofía* 19, n. 1, 2007, p. 65. Ricardo da Costa, “O que é Deus? Considerações sobre os atributos divinos no tratado *Da Consideração* (1149-1152), de São Bernardo de Claraval”, *Revista Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Editora Lumen Christi, 9 fasc. 18, jul-dez 2010, p. 238.

⁸ *Ab Urbe Condita* II, 32. Edições: Tito Lívio, *Historia de Roma desde su fundación*, Madrid, Editorial Gredos, 1990-1997, 8 vv; Tito Lívio. *História de Roma. Ab Urbe Condita Libr* (trad. Paulo Matos Peixoto), São Paulo, Editora Paumape, 1989-1990; Marco Antonio Colalres, *Representações do Senado Romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio. Livros 21-30*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.

⁹ Marcelo Boeri, *Los estoicos antigos. Sobre la virtude y la felicidad*. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 2003. Ver também Brad Inwood (org.). *Os Estóicos*. São Paulo, Odysseus, 2006.

¹⁰ Nadaff, ob. cit., p. 65. Apollodore, *Le Détail de la Bibliothèque*, Livre I, 3, 2 (Ugo Bratelli, 2001).

¹¹ Peter Brown, *Genèse de l'Antiquité tardive*. Paris: Gallimard, 1983; Henri-Iréne Marrou, *L'Église de l'Antiquité tardive (303-604)*. Paris: Seuil, 1985; Michel Banniard, *Genèse culturelle de l'Europe*, Paris, Seuil, 1989.

¹² “Se han descrito los siguientes setenta años como el periodo más sorprendente de la historia romana”, Frank William Walbank, *La Pavorosa Revolución*, Madrid, Alianza Universidad, 1996, p. 5.

mundo ter se tornado cristão¹³ mas, no caso do tema em questão, pelo surgimento do Neoplatonismo¹⁴. A mais rica aproximação neoplatônica à *alegoria* (e sua relação com a mitologia tradicional) foi a obra *O antro das ninfas*¹⁵ de Porfirio de Tiro, que interpretou a *Odisséia* como uma viagem espiritual da alma pelo universo neoplatônico¹⁶. Assim, essa revitalização do platonismo contribuiu para o mundo cristão abrir novos horizontes à hermenêutica dos textos sagrados, filosóficos e suas representações imagéticas.

Para a alegoria no ambiente cultural cristão, o embasamento teórico-teológico, naturalmente, foi a *Epístola aos Coríntios* (I, 13, 12):

“Videmus nunc per speculum in ænigmate: tunc autem facie ad faciem.
Nunc cognosco ex parte: tunc autem cognoscam sicut et cognitus sum”.

“Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face.
Agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou
conhecido”¹⁷.

Umberto Eco (1932-2016) especulou que a solução poeticamente mais elegante dessa passagem do *Novo Testamento* foi oferecida pelo *Rhythmus alter* (ou *Omnis mundi creatura*)¹⁸, poema já atribuído a Alain de Lille (c. 1128-1202)¹⁹.

O ambiente exegético judaico-cristão propiciava interpretações alegóricas: as alegorias bíblicas ofereceram um manancial de intérpretes desse simbolismo que

¹³ Paul Veyne, *Quando o nosso mundo se tornou cristão* (312-394), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, e Peter Leithard, *Em defesa de Constantino. O crepúsculo de um Império e a aurora da cristandade*, Brasília, DF, Editora Monergismo, 2020.

¹⁴ Edward Moore. “Neo-Platonism”. *I Internet Encyclopedia of Philosophy. A Peer-Reviewed Academic Resource*, 2014.

¹⁵ Pseudo Plutarco; Porfirio; Salustio. *Sobre la vida y poesía de Homero. El antro de las ninfas de la Odisea. Sobre los dioses y el mundo*, Madrid, Gredos, 2018.

¹⁶ Nadaff, ob. cit., p. 68.

¹⁷ Jorge Luis Borges, *Otras inquisiciones* (1952). *El espejo de los enigmas*.

¹⁸ Ver Dick Wursten, *Omnis mundi creatura* (translations of *omnis mundi* into English /Deutsch); Irene Bosch Moral, *Omnis mundi creatura*; H. Salvador Martínez, H. “La tienda de amor, espejo de la vida humana”, *Nueva Revista de Filología Hispánica* 26, n. 1, 1977: 56-95.

¹⁹ Umberto Eco, *Da árvore ao labirinto. Estudos históricos sobre o signo e a interpretação*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2013, p. 131.

consideravam universal. Por exemplo, Fílon de Alexandria (c. 20-50) sobre o *Gênesis*²⁰, Fortunaziano (†369), bispo de Aquileia (342-369) sobre os Evangelhos²¹, e Orígenes de Alexandria (c. 184-253) com sua *tríade interpretativa*²²: três sentidos para a leitura dos textos sagrados (*Sobre os Princípios*, Περὶ ἀρχῶν²³). Orígenes interpretou alegoricamente o *Antigo Testamento* como uma prefiguração do *Novo*²⁴.

Por sua vez, o poeta Prudêncio (348-c. 410) –o maior literato da antiga Igreja Romana²⁵– com sua obra *Psychomaquia* (*A Batalha da Alma*), epopeia alegórica entre as *virtudes* e os *vícios* (atacada pelo paganismo, a fé cristã triunfa e é exaltada por mil mártires!), foi um dos primeiros a se valer integralmente da *alegoria* como *leimotiv* em uma obra²⁶.

Do ponto de vista literário-filosófico, o século V foi especialmente decisivo para a consolidação da alegoria como melhor expressão intelectual para manifestar as sensibilidades textuais e imagéticas dos letrados. Macróbio (fl. 400) e Boécio (c. 480-524) foram essenciais. O primeiro, com seu *Comentário ao Sonho de Cipião*²⁷;

²⁰ *The Works of Philo: Complete and Unabridged, New Updated Edition* (translate C. D. Yonge). Hendrickson Publishers, 1993; *On The Creation Of The Cosmos According To Moses* (Philo of Alexandria Commentary Series, vol. 1) (translate Philo David T. Runia). Society of Biblical Literature, 2005; Michael Leo Samuel *Rediscovering Philo of Alexandria:: A First Century Torah Commentator - Volume I: Genesis*. First Edition Design Publishing, 2017.

²¹ Fortunatianus Aquileiensis, “Introduction”, *Commentary on the Gospels* (translated by: H. A. G. Houghton). Hardcover, De Gruyter, 2017, p. IX–XXIV.

²² Eco, ob. cit., p. 133.

²³ Orígenes, *Sobre los principios* (introd., texto crítico, trad. y notas de Samuel Fernández). Madrid, Fuentes Patrísticas 27, 2015.

²⁴ Norman F. Cantor, *The Civilization of the Middle Ages*, N.Y., Harper Collins, 1994, p. 40.

²⁵ Otto Maria Carpeaux. *História da Literatura Ocidental. Volume I*. Brasília: Senado Federal, 2019, p. 140.

²⁶ Prudentius, *Psychomachia* (ed. H. J. Thomson), London – Cambridge- Massachusetts. Heinemann; Harvard University Press, 1949 (The Mellon Foundation provided support for entering this text); Viviana Hack “La batalla en el alma. El tipo de lucha en *Psychomachia* de Prudencio y sus raíces bíblicas”, S. Filippi (ed.). *Cristianismo y helenismo en la filosofía tardoantigua y medieval*, Rosario, Argentina, Paideia Publicaciones, 2009: 61-70.

²⁷ Macrobio, *Comentario al Sueño de Escipión* (ed. y trad., Jordi Raventós), Madrid, Ediciones Siruela, 2005; Julieta Cardigni, “Apropiación y traducción en un texto

o segundo, com sua *Consolação da Filosofia*²⁸. Ambos assentaram definitivamente a *alegoria* como base narrativa filosófico-literária e a tornaram um dos elos culturais mais sólidos de toda a posterior sensibilidade medieval.

Mas a obra que catapultou a *alegoria* de expressão literário-filosófica a visão de mundo e base de toda a Educação ocidental, do séc. V ao *Renascimento do séc. XII*²⁹, foi *Sobre o Casamento da Filologia e Mercúrio (De Nuptiis Philologiae et Mercurii)*, séc. V) de Marciano Capela (fl. 410-420)³⁰. Trata-se de uma alegoria em prosa e verso (versos alusivos e prosimétricos). Suas personificações alegóricas são uma forma poética de apresentar o conhecimento (e estudo) das sete artes liberais. Seus dois primeiros livros compõem sua introdução alegórica³¹ e constroem a moldura narrativa: o deus Mercúrio (alegoria do intelecto e da eloquência) pensa em se casar; primeiro com a *Sabedoria* (*Σοφία*), depois com a *Mântica* (*μαντική*) e, por fim, com a *Psiquê* (*Ψυχή*)³².

tardoantigo: *Comentario al sueño de Escipión de Macrobio*”, *Circe* (Universidad Nacional de La Pampa) n. 2, 2008: 77-86.

²⁸ Boécio, *Consolação da Filosofia* (trad. de Luís M. G. Cerqueira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011; Edgar De Bruyne, *A Estética da Idade Média*, Porto, Caminhos Romanos, 2016, p. 103.

²⁹ Charles H. Haskins, *The Renaissance of the Twelfth Century*, Cambridge, Harvard University Press, 1927.

³⁰ William Harris Stahl - Richard Johnson, *Martianus Capella and the Seven Liberal Arts*. New York: Columbia University Press 1971. Ver W. H. Stahl, “To a Better Understanding of Martianus Capella”, *Speculum* 40, n. 1, 1965: 102-115; Julieta Cardigni. “Hacia una parodia del saber científico en un neoplatónico latino tardoantiguo: *De Nuptiis Mercurii et Philologiae* de Marciano Capela”, *Cuadernos Medievales* 21, Diciembre 2016: 1-19; da mesma autora, “Presencias herméticas en *De nuptiis Mercurii et Philologiae* de Marciano Capela”. In: *Anales de Historia Antigua, Medieval y Moderna* 50, 2016: 37-53.

³¹ Paul Abelson, *As sete artes liberais. Um estudo sobre a cultura medieval*, São Paulo, Editora Kíron, 2019, p. 17.

³² *Psiquê* é a personificação da alma. O mito é narrado nos livros IV, V e VI das *Metamorfoses* (séc. II) de Apuleio de Madaura (c. 124-170) –que Santo Agostinho chama de *O Asno de Ouro (A Cidade de Deus*, XVIII, 18, 2)– a única novela latina que chegou até nós integralmente. Ver Lucio Apuleyo. *Las Metamorfosis o El Asno de Oro* (introd., texto latino, traducción y notas de Juan Martos). Madrid, C.S.I.C., 2003. Edição brasileira: Apuleio. *O asno de ouro* (trad. Ruth Guimarães; apres. e notas adicionais Adriane da Silva Duarte). São Paulo: Ed. 34. Para o tema –e sua importância para a Filosofia– ver Thomas M. Robinson, *As origens da alma. Os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles*, São Paulo, Annablume, 2010.

Contudo, Apolo o aconselha a se casar com a *Filologia* (φιλολογία), mortal que vive para o estudo. Júpiter concorda com a escolha, contanto que ela receba o processo de purificação da Apoteose (ἀποθέωσις) e se torne uma deusa, imortal. Assim, ela vomita os livros que a oprimiam, toma uma poção preparada pela própria *Apoteose* (personificação alegórica do processo de deificação), e então sobe em uma liteira (*lectica*) para ser conduzida pelas sete esferas celestes ao Olimpo, assembleia dos deuses³³. Lá, Mercúrio lhe oferece sete damas de honra (as sete artes liberais). Nos livros seguintes, cada uma delas se apresenta³⁴.

Nesse mito alegórico, o dote ascensional das *artes liberais* que a Filologia recebe de Mercúrio tem como ápice o ensino da Música (a sexta das artes liberais). A **Harmonia** (Ἀρμονία) apresenta essa arte –sons, ritmos etc.– conhecimento que proporciona à *Filologia* compreender o motivo pelo qual o universo é perfeito, e assim conseguir chegar à causa do movimento celeste, fonte de toda a harmonia universal³⁵. A Harmonia se apresenta aos deuses do Olimpo (e aos noivos) como uma inteligência cósmica (*extramundana intelligentia*), irmã do Céu e propagadora na Terra da harmonia celeste³⁶.

III. Estupefações medievais

Qualquer estudo sobre as Letras no âmbito da Civilização Ocidental deve, imperiosamente, passar por Santo Isidoro de Sevilha (c. 556-636). E o que disse o eruditíssimo bispo sobre a alegoria? Baseado no gramático Quintiliano (35-95), ele sintetizou: é um *alieniloquium* –representação gramatical de princípios abstratos, expressão verbal de um conceito distinto. Em outras palavras, diz-se uma coisa, mas se quer dizer outra.

³³ Plínio, *História Natural*, XX, Joscelyn Godwin (introd. y ed.). *Armonía de las Esferas. Um libro de consulta sobre la tradición pitagórica en la Música*, Girona, Ediciones Atalanta, 2009, p. 48.

³⁴ Para as *artes liberais*, ver Abelson, ob. cit., Ricardo da Costa. “Las definiciones de las siete *artes liberales y mecánicas* en la obra de Ramón Llull”. In: *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Madrid, Universidad Complutense de Madrid (UCM), 23, 2006: 131-164.

³⁵ O tema do *movimento celeste* é também aristotélico. Ver COSTA, Ricardo de Costa,. “As raízes clássicas da transcendência medieval”, *Impressões da Idade Média*, São Paulo, Livraria Resistência Cultural Editora, 2017, p. 172.

³⁶ Cecilia Panti. “A Música e a Cultura enciclopédica da Antiguidade Tardia à Idade Média”, Umberto Eco (dir.). *Idade Média, Volume I. Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos*. Lisboa: D. Quixote, 2014, p. 734.

Para oferecer um exemplo de sua síntese etimológica, Isidoro se valeu do poeta romano Virgílio (70-19 a. C.)³⁷. A seguir, o bispo explicou cada uma das sete principais variantes alegóricas. Por exemplo, o **carentismo** é um tropo que ocorre quando se atenua a dureza de uma expressão (I, 37, 27); **sarcasmo**, um desprezo hostil, cheio de amargura (I, 37, 29); **astismo**, o contrário do sarcasmo: uma urbanidade sem iracúndia (I, 37, 30)! Além de Quintiliano, os exemplos de Isidoro foram retirados da Mitologia (Diomedes, Carísio) e de um multissecular elenco: Cícero (106-43 a. C.); Terêncio (c. 195-159 a. C.), Sérvio (séc. IV) e Horácio (65-8 a. C.); Pompeu Trogó (séc. I a. C.) e Sêneca (4 a. C. - 65 d. C.). Sempre Sêneca!³⁸.

As *Etimologias* estabeleceram o padrão culto dos escritores e leitores da Idade Média –tanto que Dante Alighieri (c. 1308-1320) colocou Isidoro no *Quarto Céu* (do Sol) de seu *Paraíso*, em um grupo de doze espíritos vivos e triunfantes (*folgóri vivi e vincenti*), almas de prestigiosos sábios que são flores de uma *guirlanda luminosa* que envolve Dante e sua amada Beatriz³⁹.

De fato, a Idade Média abraçou a alegoria: foi seu método de pensar. Com ela, resolveram dúvidas e problemas, criaram imagens, textuais e visuais. O resultado? A alegorização do mundo⁴⁰. Nesse Quarto Céu do Paraíso, o primeiro que se apresenta ao casal Dante e Beatriz é Tomás de Aquino (1225-1274), que cumpre a tarefa de nomear os espíritos desse Céu. Isidoro é o nono.⁴¹ Com Beda, o Venerável, e Ricardo de São Vitor (†1173), o bispo de Sevilha forma uma tríade de *ardentes espíritos*.

No século XII, Hugo de São Vítor (c. 1096-1141), expoente do chamado Renascimento do século XII⁴² –século da poesia didática, enciclopédica e

³⁷ San Isidoro de Sevilla. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994, vol. I, p. 336-339.

³⁸ Roland. Mayer, “Seneca Redivivus”, S. Bartsch & A. Schiesaro (eds.). *The Cambridge Companion to Seneca* (Cambridge Companions to Literature). Cambridge: Cambridge University Press, 2015: 277-288.

³⁹ Alfred. R. Crudale, “Images of Light in the Spheres of the Moon, the Sun, and the Fixed Stars”. *MLA Conference in Vancouver*, Canada, p. 7.

⁴⁰ Otto Maria Carpeaux, *História da Literatura Ocidental. Volume I*, Brasília, Senado Federal, 2019, p. 182.

⁴¹ Giorgio Brignoli “Isidoro”, *Enciclopedia Dantesca*, 1970.

⁴² Ricardo da Costa, *Los clásicos que hacen clássicos. Cuadernos de Historia Universal UCR - UNA*. Tomo I, vol. II, Extra Serie de la *Revista de Historia*, Costa Rica, Editora Heredia, 2013: 23-47.

alegórica⁴³ – em seu *Didascalicon* (1125)⁴⁴ abordou a alegoria em suas especulações educacionais. Os *mistérios das alegorias* são tema muito digno, afirmou Hugo. No entanto, exige mentes maduras, não sentidos lerdos e idiotas; sobretudo espíritos sutis na investigação e prudentes no discernimento (Livro VI, cap. 4):⁴⁵

Nos séculos XIII-XIV, duas obras marcaram profundamente a *alegoria* como instrumento poético: o *Romance da Rosa* (especialmente sua Primeira parte, escrita por volta de 1230 por Guilherme de Lorris [c. 1200-1230]⁴⁶ e a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri⁴⁷. Dante ainda definiu os quatro sentidos comprehensivos de leitura das Escrituras (literal, alegórico, moral e anagógico) em sua obra *Convivio* (c. 1304-1307). Em relação ao sentido alegórico,

“...é aquele que se esconde sob o manto das fábulas, constituindo uma verdade oculta sob uma bela mentira: tal como diz Ovídio que Orfeu com a cítara amansava as feras, e fazia que se movessem as árvores e as pedras; o que quer dizer que o homem sábio, com o instrumento da sua voz, faria amansar e humilhar os corações crueis, e conduzir-se conforme a sua vontade aqueles que não têm vida de ciência e arte: e aqueles que não têm vida racional alguma são quase como pedras (*Tratado segundo*, I)”⁴⁸.

A visão alegórica medieval foi tão marcante que legou não só à tradição filosófica cristã, mas também à literária e artística o tema da *personificação das alegorias*, muito utilizado posteriormente pelos artistas do Renascimento e do

⁴³ Francesco Stella “A poesia didática, encyclopédica e alegórica”. In: ECO, Umberto (org.). *Idade Média – Catedrais, Cavaleiros e Cidades. Volume II*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2013, p. 416.

⁴⁴ Hugo de São Vítor. *Didascálicon. Da arte de ler* (introd. e trad. de Antonio Marchionni). Petrópolis, Editora Vozes, 2001; Hugo de São Vítor. *Didascálicon. A arte de ler* (trad. e notas de Tiago Tondinelli). Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

⁴⁵ Hugo de São Vítor. *Didascálicon...* intr. e trad. Antonio Marchionni cit., pp. 242-243.

⁴⁶ Guillaume de Lorris Y Jean De Meun. *El Libro de la Rosa*, introd. de Carlos Alvar; trad. de Carlos Alvar y Julián Muela, Madrid, Ediciones Siruela, 2003; Walker Vadillo, Mónica Ann. “Le Roman de la Rose”, *Revista Digital de Iconografía Medieval* 5, n. 10, 2013: 27-39.

⁴⁷ Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, trad. e notas de Eugenio Mauro. São Paulo, Ed. 34, 1998; Ángel Chiclana. “Introducción”, Dante Alighieri. *Divina Comedia*, ed. Ángel Chiclana, Barcelona, Espasa Libros, 2010, pp. 37-38.

⁴⁸ Dante Alighieri. *Convívio*, trad. literal e notas de Carlos Eduardo de Sovera, Lisboa, Guimarães Editora, 1992, p. 61.

Barroco. O principal filósofo que se valeu das personificações alegóricas foi Ramon Llull (1232-1316). Foram muitas as obras em que o catalão utilizou esse recurso literário⁴⁹. Praticamente desde o *Llibre de contemplació* (c. 1271-1274)⁵⁰, muitas vezes em forma de diálogo⁵¹.

Em uma delas, a Fé e o Entendimento se encontraram: a Fé (prudente e circunspecta) debateu com seu irmão, o Entendimento (ousado e atrevido), os artigos da fé cristã (a Trindade, a Encarnação, a Ressurreição –até a criação do mundo!). Nesse ambiente poético, Llull defendeu que a razão poderia (e deveria) compreender os mistérios da fé⁵².

A síntese imagética do pensamento alegórico medieval foi muito bem representada nos afrescos da *Alegoria do Bom e do Mau Governo* (c. 1337-1340) de Ambrogio Lorenzetti (c. 1290-1348) – e seus efeitos, na cidade e no campo – magnífico conjunto da *Sala dei Nove* do *Palazzo Pubblico* de Siena concluídos pouco antes da *Peste Negra* (1346-1353) que, aliás, ceifou a vida desse artista da *Escola de Siena*, famosa tradição artística por apresentar pela primeira vez espaços pictóricos⁵³, paisagens⁵⁴.

⁴⁹ Roger Friedlein, *El diàleg en Ramon Llull: l'expressió literària com a estratègia apologètica*, Universitat de Barcelona/Universitat de les Illes Balears (Col·lecció Blaquerna, 8), 2011; José Aragüés, *Ramon Llull y la literatura ejemplar*, Publicacions de la Universitat d'Alacant, 2016.

⁵⁰ Josep Enric Rubio, “Un capítul en l’ús de al·legoria en Ramon Llull: exegesi del capítol 354 del *Llibre de contemplació*”, *SL* 47, 2007: 5-27.

⁵¹ Ramon Llull, *Llibre de contemplació en Déu VII*, 506 e 514, *Nou Glossari General Lul·lià*. Centre de Documentació Ramon Llull - Universitat de Barcelona. Ver Armand Llinarés. “Theorie et pratique de l’allegorie dans le ‘Libre de Contemplació’”, *Studia Lulliana* 15, n. 1, 1971: 5-34; Elena Pistolesi, “Dalla sensibilità all’intelletto: osservazioni sull’allegoria nel *Llibre de contemplació*”, *Studia Lulliana* 57, 2017: 63-95.

⁵² Ramon Llull. *Disputa entre la Fe i l’Enteniment*, introd., trad. i notes a cura de Josep Batalla i Alexander Fidora, Santa Coloma de Queralt, Obrador Edèndum, 2011.

⁵³ Luciano Cateni – Maria Pia Lippi Mazzieri, *Duccio, Simone, Pietro, Ambrogio e la grande stagione della pittura senese*, Siena, Betti Editrice, 2012.

⁵⁴ Ricardo da Costa, “Um espelho de príncipes artístico e profano. A representação das virtudes do *Bom Governo* e os vícios do *Mau Governo* nos afrescos de Ambrogio Lorenzetti (c.1290-1348) - análise iconográfica”, *Utopía y Praxis Latinoamericana. Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social* (Maracaibo, Universidad del Zulia) 8, n. 23, outubro de 2003: 55-71.

O ocaso da Idade Média (sécs. XIV-XV) correspondeu à progressiva separação entre o símbolo e a alegoria, lento processo de secularização. Ela passou a ser utilizada para demonstrar sua identidade com a ordem profana do mundo⁵⁵.

Conclusão

Urge, mais que nunca, desfraldar a bandeira do estudo pelo estudo, da arte pela arte (*l'art pour l'art*), da beleza pelo Belo. Só esse amor conduz, nos *reconduz* ao verdadeiro conhecimento, à fé que se expressa em nossa capacidade imaginária de suspender nossa malícia (*suspension of disbelief*)⁵⁶. Com ela talvez consigamos recuperar a sensibilidade mais propícia à apreciação histórica. O tema da *alegoria*, no transcurso do tempo, nas expressões literárias, filosóficas e sobretudo artísticas, ajuda nesta *ascensão perceptiva*, de abrir-se mentalmente às experiências do Passado. Sem as alegorias seríamos mais pobres, mais limitados, restritos à materialidade mais insípida, tosca⁵⁷. Graças a elas, ampliamos nossos horizontes, sensibilizamos nosso pensamento.

As alegorias emolduraram nossa história. *Janelas* para o passado, formaram nosso imaginário e nossa consciência. Sem elas, estaríamos fadados a uma existência desprovida de sentido, de humanidade. De cor. Que este nosso estudo seja um modesto lembrete, caro leitor: quem abandona a contemplação artística, filosófica e poética proporcionada pelas alegorias corre o risco de perder sua alma⁵⁸.

⁵⁵ Carpeaux, *História da Literatura Ocidental* cit., p. 199.

⁵⁶ Ricardo da Costa. “Las traducciones en el siglo XXI de los clásicos medievales – tensiones, problemas y soluciones: el *Curial e Güelfa*”, *Ehumanista/IVITRA* (University Of California At Santa Barbara, USA) 3, 2013: 325-346.

⁵⁷ F. W. I. Schelling, *Filosofia da Arte*, São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 196.

⁵⁸ Agradecemos a leitura crítica dos amigos Antonio Celso Ribeiro, Armando Alexandre dos Santos e Vinícius Muliné.